

Moradores garantem que apesar de todos os problemas, o bairro é uma boa opção.

Cosme de Farias, ainda uma boa moradia

Um dos mais populosos bairros de Salvador, Cosme de Farias é, na opinião de seus moradores, e apesar de suas deficiências, um bom lugar para se morar. É um bairro como outro qualquer, dizem eles, alternando extrema pobreza com casas de famílias mais remediadas, cheio dos problemas que afetam a maioria dos bairros de Salvador: água, esgotos e sujeira. De seu benfeitor, um advogado das causas populares que cedeu nome ao bairro, poucos se recordam. O major Cosme de Farias, segundo os que com ele conviveram, era "homem extremamente caridoso, humano e magro" que morreu pobre por opção e não dispensava um bom papo, regado com sua aguardente preferida, a Jacaré.

Morando há mais de 36 anos no Alto do Formoso, parte central de Cosme de Farias José Bispo dos Santos, 77 anos e sua esposa Emília Silva Santos, 67, contam que "quando para cá viemos não tinha calçamento, luz, água, nem transporte. A gente buscava água em cisternas situadas aqui perto. Demorou para a estrutura chegar, mas hoje quase tudo funciona regularmente". José Bispo diz que toda a área de Cosme de Farias pertenceu à família Saldanha e era uma grande fazenda, com lotes ar-

rendados. Com a morte do líder, a família perdeu a posse da terra, recebendo por isso uma indenização da prefeitura. Os moradores puderam comprar as propriedades em que residiam a preços módicos, muitos pagaram à vista.

O bairro já teve outro nome - Quintas das Beatas — devido a uma capela liderada por muitas freiras e situada onde hoje é o largo da feira, que acontece todos os sábados e domingos na praça onde o busto do Major Cosme de Farias está assentado. Essa feira causa muitas reclamações de moradores, porque a Limurb não passa com a mesma regularidade nos fins de semana. Além disso, as caixas de lixo instaladas no bairro exalam um cheiro desagradável e estão localizadas em pontos nada estratégicos, como curvas e ladeiras. Para um morador da travessa União dos Centenários, Alto do Formoso, Rosalvo Xavier Passinho, 54 anos, "falta uma linha de ônibus para a Rodoviária e mais horários para Cosme de Farias saindo da estação da Lana".

Para os que se lembram do bairro, antigamente, é impossível ignorar as melhorias num lugar que "era mato só", afirma Marcioniro da Silva Menezes, 23 anos, que lá nasceu e não

pretende mudar tão cedo. "Tem farmácias, escolas, dois postos policiais (para mais de 60 mil habitantes), supermercados, padarias e até lojas comerciais", diz ele. O Largo dos Paranhos, que limita o bairro com Brotas, antigamente era um dos muitos mata-gais que causavam a insegurança dos moradores. "Minha principal reclamação é de que para cada cinco ônibus com destino a Brotas, apenas um segue para Cosme de Farias. "Mas, segundo ele mesmo frisa, "em Salvador não tem lugar melhor pra se viver".

Emília Santos lembra que "muita gente se mudou daqui antes dos benefícios chegarem - luz e calçamento e se arrependem, aqui estamos perto de tudo, até do Bonocô, que tem um serviço de transporte muito bom". Os inúmeros becos do bairro e os estreitos corredores transversais na avenida principal, a Cosme de Farias, levam à parte mais pobre, com construções desobedecendo a lei da gravidade e se espalhando pelas encostas. Renildo dos Santos, 19 anos, diz que "o que não falta no bairro são encostas, igrejas e moleques largados pelas ruas". Ai começam a aparecer os problemas mais agudos, porque além de não ter escolas devidamente equipadas, não mantém cursos além do 1º grau.

POBREZA

No final da rua Cosme de Farias, iniciando uma ladeira sinuosa e estreita — apesar de asfaltada recentemente — existem três vias de acesso à avenida Bonocô. Uma delas, chamada rua do Bonocô", é o princípio de uma nova visão do bairro. A agitação constante do domingo, final de feriado prolongado, se evidencia pela música que sai das casas e percorre a vizinhança, misturando sons e estilos. O sambão, o deboche e o popular se confundem. Dessa rua se pode ver melhor as longas escadas de cimento cravadas nas encostas dos morros sempre com pessoas subindo ou descendo despreocupadas. As chuvas tornam esse exercício mais cansativo e perigoso pois os deslizamentos são frequentes.

O morador da rua Vila Nhonho, no "pé" do morro e final da rua Bonocô, Manoel Miranda, 46, reclama das caixas de esgoto situadas em frente às escadas, que segundo ele são mais de 50 em todo bairro. "Mais da metade dessas escadas termina num rio de sujeira e fezes, porque os esgotos entopem". Para ele, a culpa é da prefeitura, que adia o amuramento das encostas e estas vivem desmoronando e obstruindo a

passagem de detritos maiores. Ele foi o único morador a se lembrar das antigas comemorações da data de morte e nascimento de Cosme de Farias, contando que os moradores levavam flores para colocar sob seu busto, na praça da igreja Santo Antonio. A pobreza dos que tem de optar por morar em barrancos, construindo pequeninos cômodos de tijolos aparentes e muitas vezes com piso de chão batido, é evidente pelo próprio comércio local, constituído de botecos minúsculos e escuros. As crianças, sujas e semidespidas, brincam livremente nas ladeiras, jogam bolinha de meia e correm atrás de cães de aparência igualmente doentia.